

Economía e Cultura no Vale do Guaporé: os processos de reprodução da vida de ribeirinhos-quilombolas

William Kennedy do Amaral Souza 1; Bruno Pessoa Villela 2

1 - Instituto Federal de Rondônia /Colorado do Oeste. 2 - Universidade Federal Fluminense.

Resumen: Este texto se refiere a las primeras consideraciones de la investigación doctoral que por ahora comienza. El objeto empírico de la investigación son las comunidades fluviales-quilombos Guaporé Valley en Rondonia (Gujará-Mirim y el Fuerte Príncipe de Beira estos lugares fueron escogidos por la búsqueda de las comunidades ribereñas-quilombos, la más antigua de la región) que ocurre en 1819 es una manifestación importante de la religiosidad popular que tiene una duración de generaciones y tiene gran representación, por lo que fue reconocido como Patrimonio Cultural de Brasil en 2010. Basado en el materialismo dialéctico, la investigación pretende comprender cómo realizar su ser en el mundo, la gente ribereña-quilombos Guaporé Valle se apodera del conocimiento del trabajo validado por la experiencia y en qué medida la reproducción de la vida en manos de la orilla del río -quilombolas es una forma de resistencia al capitalismo. El Partido divina aparece como un momento de forma en Riverside-quilombo de la vida comunicado apuestas sobre los elementos de la solidaridad, la cooperación, las asociaciones y la bondad en su vida diaria, y que de una manera contradice la lógica individualista del modo de producción capitalista. En este trabajo se aborda el estudio de los caracteres que componen el núcleo de la Fiesta del Espíritu Santo, dirigirse aquí como un grupo de personajes cuya representación escénica-performativa rescata elementos de la nobleza portuguesa asimilado por las clases populares cuando la parte que lleva a cabo. Se da énfasis al estudio de creaciones (re) socio-culturales del grupo y la composición de los personajes y su área escénica, que implican muchos aspectos como el rendimiento y la relación entre ellos. Para que exista el necesario acercamiento entre el Teatro y Cultura Popular, con miras a fortalecer el carácter pintoresco y performativo que implica la preparación y el rendimiento de los personajes del Imperio, así como su papel en el rito. Este recorte de investigación que se encuentra en Etnocología el marco teórico que agrupa a su alrededor otras áreas de estudios sociales en la antropología, la sociología, la Cultura y Estudios psicoanalíticos. De la conjunción entre la teoría marxista impulsado por el materialismo histórico y el marco de Etnocología, buscamos, aprender, comprender y verificar, de qué manera, la fiesta de la Divina, en el valle del Guaporé, sufrió

cambios que van más allá de sus orígenes religiosos, ganadora rasgos y características de la narrativa de una resistencia cultural, las comunidades semiautónomas sociales y políticos.

Palavras-chaves: Trabalho e educação; Ribeirinhos-quilombolas; Experiência; Saberes do trabalho.

Na escola da vida não há férias (Jorge Amado, 1983).

As comunidades e povos tradicionais que compõem a classe trabalhadora distinguem-se das demais comunidades pela sua história e organização social, já que a luta e a resistência pelo território têm sido condições básicas de suas vidas. Coexistindo ao modo de produção capitalista que notadamente lhe é antagônico, estas comunidades/povos tradicionais têm uma relação diferente com o território, uma relação de pertencimento, de um sentimento comunitário, significados que norteiam a vida das pessoas que ali vivem e reconstruem valores pelas suas experiências de produzir a vida associativamente. Segundo Grzebieluka:

As comunidades tradicionais são culturalmente diferenciadas das demais formas de organização social e, portanto, se reconhecem como tais; possuem formas próprias de organização social, ocupam e usam o território e recursos naturais para sua “reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica”. (GRZEBIELUKA, 2012, p. 118).

Entender a formação social que compreende os espaços/tempos das culturas milenares por meio dos saberes do trabalho que são produzidos na práxis das comunidades e povos tradicionais é uma tarefa de reflexão instigante e gratificante. Instigante porque é preciso entender os processos pelos quais os povos tradicionais resistiram e resistem em seus espaços na luta por outra lógica de vivência, mostrando possibilidades de coletividade. Gratificante porque a reflexão nos faz acreditar que a resistência é possível e sempre nos traz elementos educativos que a relação com o trabalho produz. Nesse sentido é fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas das sociedades tradicionais, resgatando e divulgando os saberes do trabalho com os quais os povos tradicionais resolvem o seu cotidiano.

Muitos têm se debruçado sobre este tema. Em um texto um tanto alentador, Tiriba e Fischer ao se depararem com pesquisas desta temática, nos instigam a ir além afirmando que:

[...] pensamos ser necessário tornar mais nítida a existência de um grande número de territórios onde se verifica a produção não capitalista. Referimo-nos aos povos da

floresta, comunidades indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhos e outros povos e comunidades tradicionais milenares situadas na Ásia, África, nas Américas (México, Peru, Bolívia, Equador, por exemplo). Por insistirem em conservar seu modo de vida, são espaços/tempos de longa duração que perduram em diversos momentos históricos, mesmo quando o modo de produção capitalista tem hegemonia em relação aos demais modos de produção da vida social. (TIRIBA; FISCHER, 2015, pág. 408, 409).

Para realizar parte da tarefa proposta por estas pesquisadoras, reconhecemos que um importante manancial de saberes do trabalho é o espaço conhecido como Vale do Guaporé. Esta região abarca toda a divisa do Estado de Rondônia com a Bolívia e, neste espaço geográfico imenso, apenas três rodovias chegam às margens do rio Guaporé. Região de difícil acesso até hoje, o Vale do Guaporé constituiu-se numa rota para os escravos fugidos da mineração em Mato Grosso que organizaram quilombos e mantiveram-se na região enfrentando as dificuldades impostas por um sistema opressor e por uma região inóspita. Para manter-se, certamente os quilombolas criaram um arsenal de saberes do trabalho que foram e continuam sendo transmitidos aos seus sucessores o que faz da região uma fonte de conhecimento a ser respeitada.

O Vale do Guaporé abriga ribeirinhos, pequenos agricultores, indígenas, comunidades quilombolas e, sobretudo a amálgama multifacetada destes povos. Nesta região, os ribeirinhos-quilombolas são a maior força de luta e resistência ao modo de produção capitalista que tenta a sua exclusão. Essas coletividades aquilombaram o Vale do Guaporé, constituindo territorialidades específicas, ou seja, “territórios etnicamente configurados” (ALMEIDA, 2006, p. 25). A população vem sendo continuamente confrontada com os avanços de frentes colonizadoras, ocupantes das terras que antes eram suas pelo uso e pela tradição, obrigando-as a progressivamente, abandonar suas terras e se proletarizar nas periferias das cidades.

A permanência dessas populações provenientes dos quilombos e da escravidão em geral, garantiu à região uma integração periférica aos processos econômicos vigentes através do extrativismo da poaia, do quinino, da borracha e da castanha. Entretanto, para sobreviver e para fazer frente às adversidades que o abandono da região impôs, essas comunidades quilombolas tiveram que se reordenar e reinventar-se, dando origem a um singular modelo de campesinato amazônico, formado por ribeirinhos-quilombolas, os quais se constituem no tema central desta proposta.

Essa população se reinventa e se mantém firme lutando contra a desigualdade social e, por meio dos saberes que o trabalho proporciona, tenta promover uma “reprodução ampliada da vida”. Uma definição possível desta expressão é feita pelo pensador argentino José Luis Coraggio afirmando que “a reprodução ampliada da vida significa, a melhoria da qualidade de vida com base no desenvolvimento das capacidades e das oportunidades sociais das pessoas” (CORAGGIO, 2000, p.102)¹. A ideia de reprodução ampliada da vida inclui a realização de atividades que, por si só, são necessárias à vida ainda que não produzam mercadorias para o capitalismo, portanto diz respeito ao processo de melhoria da qualidade de vida.

Alguns teóricos (SHANIN, 1980; MARTINS, 1981; MOURA, 1986) apontam para a permanência e a resistência do campesinato ao longo da história. Os pensadores que partilham essa perspectiva atestam que o campesinato resiste e permanece se articulando através da história. Não sucumbe às pressões externas, buscando estratégias para garantir sua reprodução social. Para Caetano e Neves:

As comunidades quilombolas/rurais/tradicionais coexistem paralelamente à realidade da zona urbana e resistem com o seu modo de vida e identidades específicas. Elas carregam tradições, costumes, normas, concepções oriundas de uma cultura tradicional de seus antepassados. Geralmente, demonstram intensa relação com a natureza, já que dependem dela para a reprodução ampliada da vida. (CAETANO; NEVES, 2013, p.7-8).

Para entendermos a constituição da identidade ribeirinha-quilombola, principiamos pelos escritos marxianos que nos indicam que o ser humano é fruto da sua história e compreendemos que homens e mulheres, os quais vivem da sua força de trabalho, constroem experiências e saberes ao longo da sua trajetória de vida, em sua prática diária, nas relações com seus pares, no trabalho, na igreja, na associação. Dessa forma, esses saberes não provêm necessariamente da instituição escolar, não se resumem a conhecimentos prévios, ou se encontram sistematizados em manuais, mas são produzidos na sua práxis cotidiana.

Então, como é possível apreender a identidade ribeirinha-quilombola: O que é ser ribeirinho? O que é ser quilombola? Como se configura a junção dessas categorias que constituem o seu modo de vida? Quais suas experiências de classe? Essa população se articula enquanto classe? Para auxiliar-nos Tiriba esclarece:

¹ Para este texto a definição do pensador Coraggio nos será útil, mas acreditamos que para a continuidade da pesquisa o termo “reprodução ampliada da vida” deverá ser melhor esmiuçado e apreendido com possíveis contribuições de outros pesquisadores.

A classe é uma relação social, historicamente construída entre grupos de homens e mulheres cujos valores e práticas de produção da vida social se contrapõem e/ou são antagônicos a outro grupo. Nesse sentido, a apreensão dos nexos entre trabalho e educação teria como pressuposto a identificação dos valores, costumes, tradições e as maneiras pelas quais, movidos por necessidades e expectativas objetivas/subjetivas, as pessoas se situam nas contradições entre capital e trabalho e na luta de classe. (TIRIBA, 2015, p. 130).

A nossa primeira impressão é que a constituição dos ribeirinhos-quilombolas, camponeses do Vale do Guaporé é um grande exemplo de que o trabalho produz a identidade e a visão de mundo dos grupos sociais. Ao realizar o seu estar no mundo através do trabalho o povo ribeirinho-quilombola do Vale do Guaporé aprende e apreende os saberes do trabalho que serão validados pela experiência.

Como nos ensina Saviani (2007) afirmando que a formação humana vem interligada à produção de sua existência ao longo da história, o que faz deste um processo educativo. A origem da educação coincide, também, com a origem humana. Os seres humanos aprendem a produzir sua existência na interação com a natureza e com outros. Dessa interação, nascem conteúdos validados pela experiência que serão transmitidos de geração a geração, reafirmando assim o caráter educativo desse processo. Nesse sentido, a humanidade é concedida como resultado histórico do trabalho acumulado pelo ser humano. “E, histórica e ontologicamente, o trabalho e a educação são indissociáveis”. (SAVIANI, 2007, p. 7).

No caso dos ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé, esta validação pela experiência é o que garante a reprodução da vida material e imaterial deste povo, consolidando, a nosso ver, a afirmação de uma identidade e ampliando a possibilidade de resistência por isso, entendemos que:

Sistematizar saberes da experiência permite a legitimação e dá crédito as experiências de vida e trabalho; constitui uma base para trabalhos de conscientização, de ação comunitária e de mudança social; é um meio para aumentar a autoconsciência e efetividade de um grupo e pode ainda incidir na redefinição e ampliação de conceitos (FISCHER; ZIEBELL, 2004, p. 56).

Embora estejam inseridos dentro de uma sociedade capitalista, utilizam conjecturas diferentes, como os de solidariedade, cooperação, ou seja, vivem a vida a partir de uma perspectiva diversa da lógica capitalista. Muito embora, os agentes do capitalismo tentam destruir os valores e o modo de vida das comunidades tradicionais, seja na tentativa de desvalorizar esse modo de vida ou na tentativa de invadir e expropriar as suas comunidades. E

de algum tempo para cá, implantou-se o discurso de diversidade que a fundo tenta nublar, tornar opaca outra intencionalidade que é a de ter lucros com esse discurso. Sobre essa questão Tiriba e Fischer afirmam:

a novidade é o reconhecimento, para apropriação, dos saberes ancestrais ou tradicionais, entendidos como capital natural. Tendo em conta que a indústria moderna depende sobremaneira de recursos naturais e dos saberes dos povos e comunidades tradicionais, trata-se de valorizar tais saberes para, de fato, valorizar o capital. (TIRIBA & FISCHER, 2015, p. 10).

Em nosso entendimento os ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé tem uma lógica de mutualidade e reciprocidade, que Marcel Mauss (2003, p. 67) chama de “forma-dáviva de riqueza”, que se distingue da forma-mercadoria. A forma-mercadoria não tem memória social, o comprador pode esquecer o vendedor tão logo pague com dinheiro pela coisa que comprou. A forma-dáviva da riqueza ao contrário, nunca esquece ela deve ser retribuída no futuro, a dáviva tem memória. Em síntese, enquanto sob o capitalismo as pessoas são meio para obter coisas (ou, na formulação de Marx: as relações entre pessoas tomam a forma de relações entre coisas), nas sociedades onde vigora a forma-dáviva as coisas são meio para acumular relações sociais – isto é, visam diretamente criar vínculos permanentes entre pessoas. Por isso que os ribeirinhos-quilombolas repartem os frutos da pesca, da roça e das criações. Nesse sentido é importante compreendermos a relações entre a antropologia e a economia ou como nos ensina Thompson, as relações entre economia e cultura:

É essencial manter presente no espírito o fato de os fenômenos sociais e culturais não estarem “à reboque”, seguindo os fenômenos econômicos a distância: eles estão em seu surgimento, presos na mesma rede de relações” (THOMPSON, 2001, p. 208).

No recorte específico dos ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé, um momento em que estes valores vêm à tona de forma bela e explícita é a realização da Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé. Esta festa consiste em uma manifestação cultural de caráter religioso, feita pelos negros e devotos que fazem do Divino um símbolo de devoção popular. O evento acontece anualmente na região desde 1894, sendo uma prática cultural trazida pelos negros vindos de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso.

A Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé é o segundo festejo religioso mais antigo da Amazônia, superado apenas pelo Círio de Nazaré, em Belém do Pará. A festa reúne em seu encerramento cerca de cinco mil pessoas, devotos ou turistas que aproveitam este momento de congregação do “povo guaporeano”. A festa é um momento em que se evidenciam as relações entre economia e cultura e a cultura ribeirinha-quilombola está repleta de saberes do trabalho que são repassados de uma geração para outra com o intuito de afirmar a identidade e reforçar o ideário ribeirinho-quilombola como povo de força e de sabedoria, que tem no trabalho um componente educacional que o Estado negligencia.

Na feitura da Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé, os indivíduos decidem coletivamente a organização do trabalho em prol de um evento grandioso, cujo resultado deve trazer alegria e um bem estar para toda a população do Vale do Guaporé. E já que trabalho é o processo que deve garantir a reprodução da vida, esse processo deve ser prazeroso. Na Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé, evidenciam-se aspectos culturais como a religiosidade, a devoção e, sobretudo a coletividade que nos mostram o imbricamento existente entre economia e cultura. Participar da festa é algo central na vida dos ribeirinhos-quilombolas. O trabalho empreendido por todo o ano tem duas metas bem definidas: garantir à reprodução da vida material com produtos que serão consumidos no dia a dia, e a compra de mercadorias necessárias a vida e, acumular dinheiro e bens para ajudar e participar efetivamente da Festa do Divino. Em 2015 entrevistei alguns ribeirinhos e pude perceber que economia e o modo de produção andam em sintonia com a cultura e o modo de vida. Nas palavras deles:

Eu trabalho o ano todo para uma coisa só: participar da Festa do Divino. É por isso que eu pego firme no serviço. E não dispenso serviço não. Trabalho na minha roça, cuido dos meus bois, piloto barco para os turistas que vem pescar.... O que tiver de fazer eu faço. Sei que trabalhando firme o Divino Espírito Santo vai me permitir participar da Festa. (Seu Anacleto, entrevista concedida a Souza et al, 2015).

Trabalhar nas tarefas da Festa do Divino é algo tido como grandioso e para muitos ribeirinhos-quilombolas é essencial para manter o bem estar do ano todo e a luta para garantir o seu estar no mundo:

O que eu mais gosto na minha vida é poder trabalhar na Festa do Divino. Já faz 40 anos que eu trabalho na Festa, sempre na cozinha, fazendo a comida para o povo. Eu digo que é isso que me dá forças para enfrentar o trabalho do ano todo, os problemas da vida, as dificuldades que o “governo” não resolve, não ajuda. Se for olhar bem, o governo quer que a gente se dane. Porque o “governo” não gosta de ribeirinho. Ele

esta associado com os fazendeiros, querendo é que a gente vai embora para eles ficarem com a terra. (D. Maria Antônia, entrevista concedida a Souza et al, 2015).

A fala acima deixa clara uma preocupação política. E essa preocupação é tema de discussão durante a Festa. Segundo o senhor Ernóbio, membro da Irmandade do Divino Espírito Santo do Guaporé², “durante a Festa a Irmandade se reúne para discutir a própria Festa, o modo de vida ribeirinho e a luta contra os que querem tomar as suas terras”. Por esse motivo é importante entender em que medida a reprodução da vida realizada pelos ribeirinhos-quilombolas é uma forma de enfrentamento ao modelo sócio econômico vigente. A população guaporeana aposta em elementos de solidariedade, cooperação, associativismo e benevolência em seu cotidiano e, nos parece que a lógica do sistema capitalista – de individualização e atomização dos trabalhadores – só permite esses elementos quando vislumbra vantagens ao próprio sistema.

Parece-nos que essa aposta da população guaporeana advém de tempos anteriores e resiste até nossos dias. Então é de nosso interesse entender como as concepções de vida e de mundo adquiridos na experiência do cotidiano puderam fixar e proporcionar a vida deste povo em lugar tão inóspito. Precisamos compreender a construção e utilização das estratégias de produção e ampliação da vida, desenvolvidas pelas comunidades do Vale do Guaporé, e de que maneira a festa do Divino Espírito Santo do Guaporé contribui para a formulação de experiências que ajudam na agregação deste povo como unidade educacional e política. E de que forma teriam conseguido se manter enquanto comunidade étnica até os dias de hoje. Portanto nos parece clara a necessidade de enveredarmos pela Cultura. Tiriba, ancorada no pensamento de Thompson, alerta:

Se, como Thompson (1987), concebemos que a classe é uma formação tanto econômica como cultural, poderiam estar em pauta no campo TE³ pesquisas empíricas que evidenciassem a materialidade dos nexos entre economia e cultura na tessitura das relações sociais. Também poderiam ganhar mais evidência os estudos sobre “cultura popular” como manifestação da luta de classes, como experiência de classe. (TIRIBA, 2015, p.130).

Ao olhar o povo ribeirinho a partir do materialismo histórico, intento apreender a história, a cultura, as resistências, as contradições e o modo singular de produzir a existência. Porém, a realidade concreta não é revelada de imediato, precisa-se decompor “o todo para

² A Irmandade do Divino Espírito Santo do Guaporé é uma associação dos devotos que tem como tarefa principal organizar a Festa do Divino.

poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa” (KOSIK, 1976:18).

Thompson (1981) enfatiza que a experiência permite perceber e reconhecer as ações humanas fazendo a história que, por sua vez, é construída por agentes efetivos e não uma história em que predominam estruturas sem sujeito. São as experiências cotidianas “herdadas ou partilhadas” e de lutas que contribuem para o seu fazer, ou seja, para a constituição das identidades dos trabalhadores e trabalhadoras. Para Thompson, a experiência é a base material de produção de tanto saberes e resulta da totalidade de experiências e culturas do trabalho de uma classe, em constante formação. A totalidade dessas experiências de trabalho, inclusive de trabalho associado, faz parte da luta da classe trabalhadora.

Fischer e Tiriba (2012) nos apontam que as estratégias associativas de trabalho e de sobrevivência, fundadas em relações de doação, cooperação e reciprocidade, têm sido fundamentais para a preservação de melhoria da qualidade de vida de um grande contingente da classe trabalhadora.

Com esses valores vivem os ribeirinhos-quilombolas do Vale do Guaporé. Estar com eles é um alento nesta sociedade pautada pelo egoísmo e a individualidade.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Alfredo Wagner. B de. Quilombos: **Terras de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas.** Manaus: PPGSCA–UFAM, 2006.

AMADO, Jorge. **Os pastores da noite.** Rio de Janeiro: Record, 1983.

CAETANO, Edson; NEVES, Camila Emanuella Pereira. Saberes da produção associada: implicações e possibilidades. *In: Revista Trabalho e Educação*, v. 22, n.3, Belo Horizonte. 2013.

CORAGGIO, José Luís. "Da economia dos setores populares à economia do trabalho". *In: Gabriel Kraychete, Francisco Lara e Beatriz Costa (orgs.). Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia.* Petrópolis: Vozes. 2000.

FISCHER, Maria Clara Bueno; ZIEBELL, Clair Ribeiro. Saberes da experiência e o protagonismo das mulheres: construindo e desconstruindo relações entre esferas da produção e da reprodução. *In: PIKANÇO, Iracy Siva; TIRIBA, Lia (Org.). Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária.* Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

³ A autora refere-se ao Campo de Pesquisa em Trabalho e Educação.

_____ ; TIRIBA, Lia. Produção associada e autogestão. *In: CALDART et al. **Dicionário da educação do campo***. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

GRZEBIELUKA, Douglas. Por uma tipologia das comunidades tradicionais brasileiras. *In: **Revista Geografar***, v.7, n.1, p. 116-137, Curitiba. 2012.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify. 2003.

MOURA, Maria Margarida. **Camponeses**. São Paulo: Ática, 1986.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *In: **Revista Brasileira de Educação***. v. 12. n. 34. Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 10 de novembro de 2016.

SHANIN, Teodor. A definição de camponês: conceituações e desconstruções, o velho e o novo em uma discussão marxista. *In: **Estudos Cebrap***. São Paulo: Cebrap. Petrópolis: Vozes, 1980.

SOUZA, William Kennedy do Amaral et all. **Devoção e fé na Festa do Divino Espírito Santo do Guaporé**. Anais do X Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação. Rio Branco, AC: Editora IFAC, 2016.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. *In: **Revista de Educação Pública***. Cuiabá, v. 24, n. 56, p. 405-428, 2015.

_____. “De olho” nos sujeitos-trabalhadores e suas experiências de classe: contribuições ao campo trabalho e educação. *In: **Revista Trabalho Necessário***. Niterói, ano 13 n. 20, p. 119-146, 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros - uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

_____. Algumas observações sobre classe e consciência de classe. *In: NEGRO, Antonio Luigi e SILVA, Sergio (orgs.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos***. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 269-281, 2001.